

Notas de Bibliografia e de Crítica

Manuel de Paiva Boléo — INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS — Sumários e bibliografias das lições — Ano letivo de 1957 - 1958 — 54 pp. Coimbra.

Conteúdo da “Introdução”: Observações de carácter geral sôbre a escolha da carreira e o rendimento do estudo. — Lingüística e filologia. — A descoberta do sânscrito e a formação do método comparativo: Rask e Bopp. Criação da lingüística românica: Raynouard e Diez. Introdução do método filológico científico em Portugal por Adolfo Coelho. — As famílias de línguas, em especial a indo-européia. — Classificação das línguas por famílias. — Comentários e indicações bibliográficas. Família das línguas indo-européias. — Comentários e indicações bibliográficas.

Trata-se de um opúsculo que, com feliz concisão, é prestadio a qualquer aluno dos cursos de Letras não só de Portugal como também do Brasil.

Não vejo como o lustroso catedrático da Universidade de Coimbra acha “demasiado complicada para principiantes” a classificação das línguas dos “Elementi” de Alfredo Trombetti. Aliás esta obra expõe várias classificações, e a que êle segue, é a genética, exposta nas pp. 18 e 19. Verdade é que não existe sômente uma classificação genealógica (p. ex., outra é de F. N. Finck “in” “Die Sprachstaemme des Erdkreises” Lipsia e Berlim, 1923), pois depende a mesma dos conhecimentos do autor em reconhecer ou admitir certa ou certas línguas como parentes de outra ou outras, ou de encaixá-las em determinada família. Não há dificuldade nenhuma em expor, mesmo a principiantes, o critério do parentesco, reto ou colateral.

Na p. 30 da “Introdução”, anota Paiva Boléo que o tupi e o guarani “deram alguns têrmos ao português americano”. Na realidade, a contribuição tupínica no português do Brasil é muito considerável e em todos os âmbitos, especialmente na fauna, na flora e na toponímia.

Não é, pois, de estranhar a ausência, na indicação bibliográfica, de obras acerca da influência tupi no português americano. Igual observação fazemos com respeito à contribuição de línguas afro-negras no Brasil.

Na parte relativa aos ciganos foi esquecida a obra de José B. d'Oliveira China — “Os Ciganos do Brasil (Subsídios históricos, etnográficos e lingüísticos)”, Imprensa Oficial do Estado, S. Paulo, 1936, 329 pp. Esse autor tratou ainda do falar cigano através de colaborações no “Jornal do Brasil”, agosto de 1940.

R. F. Mansur Guérios

Henri de Lanteuil — HISTOIRE LITTÉRAIRE CONTEMPORAINE,
Editôra Aurora, Rio, 1958, 4a. ed., 310 pp.

Esta obra do conhecido prof Henri de Lanteuil merece tôda a consideração dos professôres de Francês que fazem questão de entregar aos alunos a melhor obra didática de literatura francesa contemporânea (Romantismo, Realismo, Simbolismo, Escritores contemporâneos).

Plano da obra: biografias — bibliografia de cada autor — trechos para leitura de algumas das obras de cada um — explicação de têrmos — índice alfabético dos escritores.

Dada a clareza das biografias e do glossário, e em vista do selecionamento dos textos, vai a “Histoire” cumprir a contento o seu objetivo.

R. F. Mansur Guérios

Caldas Aulete — DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA — Editora Delta S. A., Rio, 1958, 4a. ed., 5.000 pp.

Embora saibamos que Santos Valente haja o maior quinhão na feitura desta obra, é Caldas Aulete quem lhe deu o nome retumbante. Mas, o verdadeiro dicionário de Caldas Aulete, a falar verdade, parou na 1a. ed., como na 2a. parou o dicionário de Moraes (hoje, em edição portuguesa, com 12 volumes!), como na 4a. ed. parou o dicionário de Figueiredo. Nada obstante, os editôres têm os seus nomes como chamariz, e assim, igualmente, com o Larousse, o Webster, o Merriam, etc. Mas, por outro lado, os dicionários não podem ficar sem acréscimos; têm de atender às novidades, sem o quê não cumprem as suas finalidades, e os lexicógrafos não vivem eternamente... Logo, os editôres têm razão... e ademais respeitam os planos primitivos...

O **Dicionário Contemporâneo**, chamado de **Caldas Aulete**, nesta edição brasileira, apresenta-se em 5 volumes, “atualizada, revista e consideravelmente aumentada pela introdução dos vocábulos em uso no Brasil, pelo registro completo dos termos técnicos e científicos e pela averbação sistemática dos étimos”, tudo por **Hamílcar de Garcia**. Antenor **Nascentes** apresenta-se “com um estudo sôbre a origem e evolução da língua portugûesa, sua expansão no Brasil, e uma exposição da pronúncia normal brasileira”.

Achamos muito pretensiosa a propaganda do registro completo dos termos técnicos e científicos.

Nada afirmaremos sem prova. Tomemos, para exemplo, as ciências lingüísticas cuja secção nem mereceu inclusão no prefácio. Não é o mesmo que gramática. Que vemos ali? Quase nada! A subsecção da fonética, embora baseada no incompleto índice de termos dos **Elementos para um Tratado de Fonética Portugûesa**, de **Rodrigo de Sá Nogueira**, deixou de lado vários títulos: **implosão, implosiva, explosão, anteriores, cerebral, clique, constritiva, contínua, distensão, brando, faucal, forte, laríngeal, lateral, lingual, acento** (de altura, de fôrça de intensidade, de quantidade, etc.), etc.

Ademais, se quiséssemos citar o que falta dos termos lingüísticos, teríamos uma vastíssima lista, que não pretendemos esgotar, mas citar exemplares: **adstrato, afetivo, afinidade, africânder, asterisco, aspecto, alongamento, calco ou decalque, coiné, ou koiné, catástase, comum** (língua), **geral** (língua), **franca** (língua), **extinta** (língua), **contágio, cruzamento, diacronia, diple, diferenciação, duração, enfático** (fonema), **estado lingüístico, estrutura, família lingüística, fonêmica, geografia lingüística, intensidade, intensão, irradiação, lei fonética, etimologia popular**, etc.

Não traz os novos conceitos de **fonema, fonologia, fala ou discurso, língua, falar**, etc.

Definições erradas ou insuficientes: **ablativo** — “é, na língua latina, o caso...”; **caso**... “há os seguintes casos: **nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo, ablativo, locativo e instrumental**”; **galaico-português** — “que diz respeito à Galiza e a Portugal, a portugûeses e a galegos, aos seus idiomas respectivos”; **letras labiais** (“sic!”); **letra gutural** (“sic!”); **geminção** — “duplicação de letra consoante” (“sic!”); **calão** não é só, lingüisticamente, “**linguagem especial de que usam os vadios, larâpios, faditas etc.; gíria, geringonça**”; **devanâgari** — “diz-se dos caracteres do alfabeto sânscrito”; “**forma de escrita ou caracteres sanscríticos**”; **lexiogênico** — “que forma palavras dicionarizáveis” (e não averba **lexiogenia**); no título — **línguas** — há o grande absurdo desta asserção: “as línguas compreendem-se quase tôdas em dois grandes grupos: 1.º, **indo-européias ou áricas,...**; 2.º **semíticas,...**”; **analogia** — “relação que existe entre as diferentes línguas, as diferentes palavras de uma língua, as diferentes lo-

cuções, construções, etc.”; **apócope** — “corte ou supressão de uma letra...”; **assimilação** — “regra eufônica pela qual uma consoante final se transforma na que a segue como em ilícito por in-lícito”; **desnasalação** — “transformação de uma vogal nasal em vogal oral, em seguida à síncope do n: hoje diz-se nume, com desnasalação do e (Mário Barreto, “Novos Estudos”...); **arabismo** — “locução, construção particular ao idioma arábico”; **castelhanismo** — “térmo ou locução própria da língua castelhana”; **espirante** — diz-se da letra invogal...”; em **ditongo**, cujas definições são defeituosas não se faz referência a “ditongo consonântico”, mas em **africata** (que o lexicógrafo não vê a identidade com **africada**), fala-se em “ditongo consonântico”; **homorgânico** — “diz-se das letras...”; etc.

No âmbito dos índios brasileiros não foram dicionarizadas as seguintes tribos: **acabuí**, **abapani**, **aboninim**, **acanga-piranga**, **acaniatara-tapuia**, **acari**, **acauá**, **acoatiatinga**, **acobu**, **acoxum**, **acriú**, **acroá-mirim**, **adaraia**, **aeuridogue**, **aenagüi**, **aguaira**, **aguara**, **aibá**, **airuá**, **alaruá**, **albarajá**, **algodão**, **amacaxi**, **amadu**, **amanipaqué**, **amani**, **amaquaxe**, **amariú**, **amembé**, **amixocori**, **amocaxô**, **amoeca**, **ampaneá amu**, **ananá**, **anaquí**, **andiraguara**, **anerá-tapui**, **angarari**, **angaricó**, **angetgé**, **anheim**, **anijuariá**, **aninauá**, **antimilene**, **apanto** ou **-a**, **aparandé**, **apicuru** ou **apucuru**, **apitupá**, **apocaponês**, **apolina**, **apuí**, **aquigüira**, **aquirinó**, **aquírio-curugoe**, **araboiará**, **aracadaini**, **arachane**, **aracuaiati**, **araguaju**, **araió**, **aramari**, **aramicho**, **aranhi**, **arapaçu**, **araparez**, **arapaxi**, **arará**, **ararape**, **ararauá arariú**, **ara-tapuia**, **araxi**, **araxué**, **aré**, **aredé**, **aripum**, **ariú** ou **areá**, **aruá**, **aruacuí**, **aruquí**, **aruna**, **arupai**, **assaiani**, **assai-tapuia**, **assurini**, **aturari**, etc. Falta a designação de **cavaleiros** ou **índios cavaleiros**. Insuficientes as definições de **aqüigirós** — “pígmios do interior do Brasil que foram célebres pela sua valentia”; **bororqs** — “indígenas do Mato Grosso”; **barbados** — “indígenas do estado de Mato Grosso, também conhecidos por **umotinas**”; **botocudos** — “indígenas brasileiros que usam botoque nos lábios inferiores”; **canoeiros** — “indígenas das margens do Tocantis [“sic”]”; **agacés** — “tribo nômade da América do Sul”; **anonzés** — “tribo de índios de Mato Grosso”; **antas** — “nome de uma tribo de indígenas brasileiros”; registra **anaques** — “indígenas brasileiros que descendem dos guaimures” — porém não averba **guaimures**; etc. Definição errada — **abanheém** — “linguagem geral dos tupis-guaranis”. Definição atrasada — **jés** — “grupo etnográfico a que pertencem os tapuias”. Outra definição atrasada — **aracus-pintados** — “...pertencentes à família tapuia-jê”.

Não foram dicionarizados: **brasílica** (língua), **brasilíndio**, **amazônicos** (povos), **amazônidos** (povos), **andinos** (povos), **ândidos** (povos). É injustificável a definição de **árabes** — “os povos muçulmanos oriundos da Arábia, principalmente os nômades do norte da África”.

No setor dos **têrmos eclesiásticos** ou **litúrgicos** do Catolicismo não “foi cuidadosamente revisada”, como se afirmou no prefácio. Faltam no

“Dicionário”, p. ex., admoestações, ângelus, antifonas de ó, bênção apostólica, bênção da igreja, bênção das virgens, bênção das cinzas, bênção de S. Brás, bênção do SS. Sacramento, bênção papal, bênção pontifical, benefício, bispo auxiliar, bispo coadjutor, bispo sufragâneo, bispo titular, bursa, cátedra de S. Pedro, cerimoniário, clavífero (uma dignidade leiga em cerimônia eclesiástica), comunhão pascal, comunicantes (diferente do sing.), concelebração (definição incompleta), Conceição imaculada, Congregação dos ritos, congregação mariana, cruz imissa, cruz comissa, cruz triunfal, domingo dos brandões, domingo vacante, domingos quotidianos, dominical (= véu), eleito (= catecúmeno), embolismo, exposição do Santíssimo Sacramento, exsuflação, fração do pão, horas menores, hino angélico, hino querúbico, hino seráfico, idade canônica, igreja catedral, igreja matriz, igreja paroquial, igreja titular, imperata ou imperada, indulgência parcial, irregularidade, jejum eclesiástico, kyrie-eleison, ladainha de Na. Sa., ladainha de S. José, ladainha do Coração de Jesus, ladainha de Todos os Santos, ladainha maior, ladainhas menores, lamentações, etc.

Não há “festividade” no exercício das quarenta horas. No título fábrica, há definição eclesiástica, mas deveria estar fábrica da igreja.

Nos outros conhecimentos humanos, a falha não é menos considerável. Bastem alguns termos, p. ex., da Biologia — abactínico, abapical, abioceño, ablástico, ablasto, abmigração, abscôncio, abstrição, abterminal, acaliptrado, acantocisto, etc., e iríamos longe demais...

Outras e variadas ausências, de outros âmbitos: arabiano, abasseno, abexi, abrincateno, alemânico, betlemítico, belemítico, horizontino, borgonhense, brabantês, castrejão, castrejano, citisso (averbado o fem.), cauchim, cordovão (gentílico), diuense, freixense, espadacinta, granadense, granatil, istriota, hierosolimítico, lapônico, leônico (gentílico), limogino, luxemburguense, londrinense, ligúrio, madrilenho, maceionense, bengalês, israelense, chote (música e dança), chárlestão (música e dança), jaz (ingl. jazz), trombada (de veículos), batógrafo, bebê, fim-de-semana, furlano, astrófilo, ábaco (bastão...), doença de Chagas, laranja-pêssego, bingó, economário, bucinador (instrumento odontológico), esmoque ou esmuque (= ingl. smocking), beche-la-mar, montanhista (alpinista), acaçu (peixe), caidor-de-anta (caminho de anta; trilha), canzoura, coquém, geme, guita (tambor), gumba (tambor, macuto, etc.

Diversas falhas: Basta definir bate-pé como “sapateado”? Além das definições de capororoca, falta “quebradiço”. Deveria averbar creditário, forma recomendável, em vez de crediário. Insuficiente a definição de epígono — “o que nasceu depois; descendente”. Em coquetel, no final falta — “aportug. do ingl. cocktail”. Em vez de judo, devia-se registrar judô, mais aproximado da pronúncia japonêsa, porém não é “modalidade de

jiu-jitsu". O étimo de **docidão** não é o lat. *dulcedo*. **Desno** não é "contração da prep. *desne* e do art. *o*". Não existe, nem existiu a preposição **desne**.

Estão fazendo tanto espalhafato a respeito dos nomes depreciativos incluídos em dicionários, mas esta recente edição do *Caldas Aulete* se expurgou o termo **judeu**, como pejorativo, não procedeu imparcialmente, pois averbou **jesuíta**, **jesuitismo**, **jesuitização**, com depreciação, para não fadear **gringo** (depreciativo aos italianos, etc.), de **padreca**, **padreco**, **padrismo**, **portuguesada**, **portuga**.

Assim, estas breves observações, que abrangem superficialmente apenas os três primeiros volumes até agora surgidos, não confirmam o anúncio de que o *Caldas Aulete* é o melhor dicionário. O melhor está para ser feito!

Nada obstante, seria injustiça negar-lhe superioridade frente aos similares, em abonações, riqueza vocabular, riqueza de modismos e riqueza de ilustrações.

R. F. Mansur Guérios

Eugenio Coseriu — SINCRONIA, DIACRONIA e HISTORIA — EL PROBLEMA DEL CAMBIO LINGÜÍSTICO — Universidad de la República, Montevideu, 1958, 164 pp.

Arguto lingüista, Eugenio Coseriu, em várias obras dignas de maior divulgação, soluciona importantísimos problemas de grande interesse.

Em *Sistema, Norma y Habla* (1952), pondo às claras as dificuldades encontradas na definição dos conceitos de "língua" e "fala", segundo Saussure, defende, muito razoavelmente, a possibilidade de distinção tripartida na realidade unitária da linguagem — sistema, norma e fala.

Em *Sincronia, Diacronia e Historia*, chama a atenção para o fato de que não se trata da mudança lingüística, das causas desta, nem dos seus tipos em várias línguas, mas do problema da mudança lingüística como problema racional e sob o aspecto da atividade lingüística concreta". O A. propõe demonstrar — a) que a pretendida aporia da mudança lingüística não existe senão por um erro de perspectiva na identificação entre "língua" e "projeção sincrônica"; b) que o problema da mudança lingüística não pode e não deve estabelecer-se em termos causais; c) que, contudo, as afirmações citadas se fundam numa intuição certa, porém obscurecida e interpretada equivocadamente, pelo fato de atribuir-se ao objeto aquilo que é só uma exigência da investigação; d) que, precisamente, a antinomia *sincronia* — *diacronia* não pertence ao plano do objeto senão ao plano da investigação; não se refere, pois, à linguagem, mas à lingüística; e) que no próprio Saussure podem achar-se elementos para a

superação da dita antinomia, no sentido em que ela é superável; f) que, não obstante, a concepção saussureana e as dela decorrentes sofrem de uma falta fundamental que lhes impede superar suas contradições internas; g) que não há contradição alguma entre “sistema” e “historicidade”, senão que, ao contrário, a historicidade da língua implica em sua sistematicidade; h) que, plano da investigação, a antinomia sincronia — diacronia só pode superar-se na história e pela história.

Salienta-se que independente da sincronia é a descrição sincrônica, não o estado de língua real, “que é sempre “resultado” de outro anterior”. Na consideração sincrônica, a língua não muda. “Isto, diz o A., não se acha em contradição com o fato de que na língua há interdependência entre o “ser” e o “vir a ser”, nem com o de que “um estado de língua é sincrônico porém não estático”.

Hjelmslev aconselha se estudem as mudanças na sincronia. Eugenio Coseriu, todavia, opõe-se, afirmando que “los cambios se dan entre dos momentos y, por lo tanto, son necesariamente diacrónicos”. Parece-me que Hjelmslev tem razão, porque essas mudanças sincrônicas são instáveis, provisórias ou, melhor, reversíveis. Dão-se, na realidade, entre dois momentos sucessivos, mas podem voltar à forma ou estado anterior. As mudanças acabadas (*changements achevés*) de que fala Hjelmslev devem ser um modo de dizer respeito aos câmbios do passado, isto é, os irreversíveis.

Tôdas as páginas dessa obra estão refertas de considerações importantes que nos fazem meditar seriamente nos problemas que apresentam, e, por isto, indubitavelmente, reconhecemos Eugenio Coseriu como um dos maiores lingüistas da atualidade.

R. F. Mansur Guérios

Carlos Goldoni — PERSONAGGI E SCENE — Introduzione e scelta di G. D. LEONI — Nobel, São Paulo, 1957, pp. 192

È una delle numerose pubblicazioni a carattere didattico, dovuta all'infaticabile attività di Giulio Davide Leoni, eminente professore dell'Università Cattolica di São Paulo e dell'Instituto Mackenzie.

Goldoni, come si legge nelle pagine introduttive del volume, fu sempre un autore prediletto dal Prof. Leoni. Il grande commediografo veneziano continua ad interessare il pubblico compreso quello brasiliano. Lo scorso anno, infatti, in varie città del Brasile fu rappresentata la commedia “La Locandiera”. I professori di lingua e letteratura italiana delle nostre facoltà di lettere danno, quindi, il sincero benvenuto a queste pagine scelte del Goldoni.

Il volume fa parte della “Biblioteca di Studi Italiani”, diretta da G. D. Leoni. Esso contiene, oltre una introduzione relativa alla commedia

goldoniana, due brani tolti dalle “Memorie” e quindici altri presi dalle principali commedie del Goldoni, tanto in lingua italiana che in dialetto veneziano. In “Appendice” è dato uno scenario di commedia dell’arte, un sommario biografico del Goldoni e una guida bibliografica per lo studio del celebre commediografo.

Luigi Castagnola.

Livia Camerini — Piera S. Gheradi, **LEZIONI DI LINGUA ITALIANA**,
segunda edição, Francisco Alves, São Paulo, 1956, pp. 324.

As Professôras L. Camerini e e P. S. Gheradi merecem elogios por terem publicado, no Brasil, estas “Lezioni di Lingua Italiana”. São deveras poucos os livros didáticos, que aparecem entre nós, para facilitar o estudo da língua italiana, embora dêles necessitem os alunos dos cursos de Letras Neolatinas das nossas Faculdades, bem como os alunos dos centros culturais “Dante Alighieri”.

Formadas ambas na Itália, as Autoras demonstram possuir perfeitamente o idioma italiano. Não nos ofereceram uma gramática italiana ampla e estritamente científica, mas é justiça reconhecer que o volume é muito útil a quem quer estudar o italiano. Beneméritas pelo ensino dessa língua no Brasil, quizeram publicar suas lições de língua italiana num volume que se recomenda pela clareza didática, quer na parte teórica quer na parte prática.

A Editôra Francisco Alves apresentou ao público culto um volume elegante e bem impresso.

Fazemos uns reparos. Achamos que não se deveriam colocar entre os verbos regulares os seguintes: aprire, coprire, offrire, soffrire. Todos êles têm o participio passado irregular, além de outras formas irregulares no passado remoto, embora tenham outrossim as formas regulares — Aliás no fim do volume, êsses verbos figuram no elenco dos irregulares.

A pronúncia de: ce, ci; ge, gi não pode ser indicada por: tche, tchi; dje dji.

Não é correto, pelo que nos parece, dizer que as palavras terminando em: -cia e -gia fazem o plural em: -ce e -ge quando o i é átono, mas sim quando -cia e -gia são precedidos por vogal. Exemplos — socia, socie; regia, regie. Em frangia e roccia o i é também átono; mas o plural é: frange, rocce, porque -gia e -cia são precedidos por consoante.

Quando da e dai são formas verbais deve-se marcar o acento; dà e dàì; não se marca o acento quando são preposições: da, dai.

Luigi Castagnola.

Giulio Davide Leoni — A LITERATURA DE ROMA — Nobel, São Paulo, 1954, pp. 266.

Este volume, que contém um “esboço histórico da cultura latina” e “uma antologia de trechos traduzidos”, faz parte da “Biblioteca de Estudos Clássicos”, dirigida pelo Prof. Leoni e publicada pela Editora Nobel, de São Paulo.

A obra está dividida em duas partes. Na primeira, é traçada uma síntese histórica da literatura latina; na segunda, é contida uma antologia de trechos traduzidos, pertencentes a quarenta autores latinos. A parte histórica (pp. 1-120) — como declara o A. — reproduz “com algumas modificações e correções, um curso geral de literatura latina, que dei, há muitos anos, na Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae” da Universidade Católica de São Paulo”. Não se trata de uma ampla história literária, mas de um resumo, completo, porém, e feito com muita erudição e experiência didática. Por isso, é livro que presta excelentes serviços aos alunos dos cursos de letras neolatinas e clássicas, bem como aos candidatos aos exames vestibulares de latim. A segunda parte (pp. 121-266) oferece uma seleta e abundante antologia de trechos latinos traduzidos, abrangendo quarenta autores. Destarte, a parte histórica, que precede, é ilustrada, didaticamente, pela parte antológica e prática.

O Prof. Leoni, apaixonado cultor das letras e do ensino universitário, ofereceu ao mundo estudantil um livro útil e precioso. A edição é feita com cuidado e esmero tipográficos.

Luigi Castagnola.

RES GESTAE DIVI AUGUSTI — Texto Latino do Monumentum Ancyranum, Tradução Portuguêsa e Comentário por G. D. LEONI — Nobel, São Paulo, 1957, pp. 88.

Este pequeno volume contém “index” das coisas importantes realizadas pelo Imperador Augusto: o texto latino e a correspondente tradução portuguêsas. Uma douda introdução esclarece os leitores sobre a reconstrução do famoso Monumentum Ancyranum, que é largamente explicado em mui erudito comentário.

Trata-se de publicação valiosa e original, destinada a ser adotada nos cursos de latim. “Possas este opúsculo — escreve na introdução o Prof. Leoni — ser uma modesta contribuição para levantar cada vez mais o nível dos estudos clássicos no Brasil (cultura clássica que eu continuo a considerar base fundamental de qualquer estudo, incluindo os técnicos e científicos) e para despertar entusiasmo nos nossos alunos, aos quais tenho a satisfação de ter dedicado a parte melhor da minha vida de estudioso e professor”.

Luigi Castagnola.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS:

Arion Dall'Igna Rodrigues — **MORPHOLOGISCHE ERSCHEINUNGEN EINER INDIANERSPRACHE**, sep. de "Muenchener Studien zur Sprachwissenschaft", n.º 7, 1955, da p. 79 à 88.

Arion Dall'Igna Rodrigues — **DIE KLASSIFIKATION DES TUPI-SPRACHSTAMMES**, sep. de "Proceedings of the Thirty-second Intern. Congress of Americanists [1956], Copenagone, 1958, da p. 679 à 684.

Harri Meier — **ETYMOLOGISCHE MAUERBLÜMCHEN**, sep. de "Der Vergleich", Hamburgo, 1955, pp. 215 — 223 (A respeito do esp. — port. parra e barro).

J. Mattoso Câmara Jr. — **"ÊLE" COMME UN ACCUSATIF DANS LE PORTUGAIS du Brésil**, sep. de "Miscelânea Homenaje a André Martinet "Estructuralismo e Historia", t. I, La Laguna, Canárias, 1957, pp. 39 — 46.

Manuel de Paiva Boléo — **OS NOMES ÉTNICO-GEOGRÁFICOS E AS ALCUNHAS COLECTIVAS — Seu Interesse Lingüístico, Histórico e Psicológico**, Coimbra, 1956, pp. 19.

A. G. Cunha — **OS ESLAVISMOS DO "LIURO DA ORIGEM DOS TURCOS"** (Estudo histórico-etimológico), sep. da "Rev. de Port.", série A — Língua Port., v. XXII, Lisboa, 1957, pp. 277 — 283.

RASSEGNA BRASILIANA DI STUDI ITALIANI — Diretor: Dr. G. D. Leoni — S. Paulo, n.º 1, 1958 — Conteúdo: Luciano Vischi — "Il Vocabolario Pascoliano"; Luigi Castagnola — "Giovanni Pascoli, Poeta del Mistero"; Matilde Pettine — "La Letteratura Giovanile e la Società Borghese Ottocentesca"; G. D. Leoni — "L'Eterna Attualità del Goldoni"; Dante Tomei — "La Mirabile Visione Dantesca"; "Varietà" — G. D. L. — "Amici Brasiliani: Un Filologo Umanista" (prof. Alufzio de Faria Coimbra); "L'Accordo Culturale Italo-Brasileiro"; "Sguardo sul Novecento Letterario Italiano".

José G. C. Herculano de Carvalho — **A EVOLUÇÃO PORTUGUESA DOS GRUPOS — KY — e — TY — INTERVOCÁLICOS** — sep. de "Vox Romanica", XV. (Festschrift Steiger), pp. 259 — 279.

José Gonçalo C. Herculano de Carvalho — **COMENTÁRIOS ÀS "NOTAS DE PALEONTOLOGIA LINGÜÍSTICA" I e II DE HELMUT LÜDTKE (BF XIV)** — sep. do "Boletim de Filologia", t. XV (1954-1955), pp. 337 — 345.

Oswaldo Ferreira de Melo (Filho) — **INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA LITERATURA CATARINENSE** — Publ. do Centro de Estudos Filológicos — Fac. Catarinense de Filosofia — Florianópolis, 1958, pp. 134.

Henrique da Silva Fontes — **DA IMPORTÂNCIA DOS NOMES DE PESSOAS PARA ESTUDOS DE PSICOLOGIA SOCIAL** — Publ. do Cen-

tro de Estudos Filológicos — Fac. Catar. de Filosofia — Florianópolis, 1955, pp. 16.

Eudoro de Sousa — **ESCRITA CRETENSE, LÍNGUA MICÊNICA E GREGO HOMÉRICO** — Publ. do Centro de Est. Filol. — Fac. Catar. de Filos. — Florianópolis, 1955, pp. 28.

Eudoro de Sousa — **VARIAÇÕES SÔBRE O TEMA DO OURO** — Publ. do Centro de Est. Filol. — Fac. Catar. de Filosofia — Florianópolis, 1955, pp. 32.

Serafim da Silva Neto — **GUIA PARA ESTUDOS DIALECTOLÓGICOS** — Publ. do Centro de Est. Filol. — Fac. Catar. de Filosofia — Florianópolis, 1955, pp.49.

Newton Carneiro Affonso da Costa — **SÔBRE A TEORIA LÓGICA DA LINGUAGEM** — sep. da “Rev. Bras. de Filosofia”, S. Paulo, v. VIII, fasc. 1, 1958, pp. 58 a 70.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. — **UMA FORMA VERBAL PORTUGUESA** — Estudo Estilístico Gramatical — Rio, 1956, pp. 101.

Renato Clark Bacellar — **LINGUAGEM MÉDICA POPULAR NO BRASIL** — “in” “Revista “Roche” — n.º 6 (junho 1958); da p. 194 à 216; n.º 7 (julho 1958), da p. 229 a 238 (continua).

Arion Dall’Igna Rodrigues — **PORTUGIESISCHE LITERATUR ÜBER AFRIKANISCHE SPRACHEN** “in” “Afrika und Uebersee”, v. XLII, 1958 pp. 119 — 134.

Hélio Melo — **COMO DIVIDIR AS PALAVRAS** — Imprensa Universitária do Ceará, 1957, pp. 19.

Manlio Cortelazzo — **CONTRIBUTO ALLA PROTOSTORIA DELL’ IT. “CASACCA”** — sep. de “Lingua Nostra”, v. XVIII, fasc. 2, junho 1957, Florença, pp. 35 a 39.

Manlio Cortelazzo — **GERGO MARINARO e GERGO MILITARE** — sep. de “Etnografia e Folklore del Mare”, Nápoles, 1954, pp. 171 a 176

Manlio Cortelazzo — **VALORE ATTUALE DEL TABU LINGUISTICO MAGICO** — sep. da “Revista di Etnografia”, n.º 1 — 4, 1935, pp. 19.

Manlio Cortelazzo — **ARABISMI DI PISA E ARABISMI DI VENEZIA** — sep. de “Lingua Nostra”, v. XVIII, fasc. 4, dez 1957, Florença, pp. 95 — 97.

Manlio Cortelazzo — **CONDIZIONE LINGUISTICA DEGLI OFLAG** — sep. de “Lingua Nostra”, v. XIII, fasc. 3, set. 1952, Florença, pp. 82 — 93.

Bruno Migliorini — **SAGGI LINGUISTICI** — Florença, 1957, pp. 342 (digno de atenção — “Primi lineamenti di una nuova disciplina: La Linguistica applicata o Glottotecnica”).

Ministério da Educação e Cultura — ANTEPROJETO DE SIMPLIFICAÇÃO E UNIFICAÇÃO DA NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA — Rio, 1957

L. Deroy — LES MOTS GRECS DU TYPE PTOLIS ET LA SPIRANTE DENTALE INDO-EUROPEENNE — sep. de "L'Antiquité Classique", t. XXIII, fasc. 2, Bruxelas, 1954, pp. 305 a 320.

Arion Dall' Igna Rodrigues — EINE NEUE DATIERUGSMETHODE DER VERGLEICHENDEN SPRACHWISSENSCHAFT — sep. de "Kratylos", 1, Wiesbaden, 1957, pp. 1 a 13.

Arlindo de Sousa — ANTIQUA LUSITANIA, Rio, 1958, pp. 116 (A obra contém numerosos trechos de autores célebres (Varrão, Plínio, César, etc.) que escreveram em latim, referentes à velha Lusitânia. Deveria o A. traduzi-los, com o quê favoreceria a divulgação de obra tão interessante).

Sarah C. Gudschinsky — THE ABC'S OF LEXICOSTATISTICS (GLOTTOCHRONOLOGY) — sep. de "Word", v. 12, n.º 2, 1956, pp. 175 — 210.

Sarah C. Gudschinsky — LEXICO-STATISTICAL SKEWING FROM DIALECT BORROWING — sep. de "Intern. Journal of American Linguistics", v. 21, n.º 2, 1955, pp. 138 — 149.

L. Deroy — L'ORIGINE PRÉHELLENIQUE DE QUELQUES NOMS DE PEUPLES MÉDITERRANÉENS — sep. de "Annuaire de l'Institut de Philologie et d'Histoire Orientales et Slaves", t. XIII (1953), Bruxelas, 1955, pp. 87 — 121.

L. Deroy — SUR LA LANGUE D'UNE INSCRIPTION ÉTEOCHY-PRIOTE — sep. de "Minos", v. IV, fasc. 2, Salamanca, 1956, pp. 90 — 103.

L. Deroy — À PROPOS DU NOM ÉTRUSQUE DE L'HARUSPICE sep. de "Latomus", t. XV, fasc., Bruxelas, 1956, pp. 206 — 214.

Vincenzo Cocco — "FLUMEN BANDUGE" — Contributo allo Studio dell'Ambiente Linguístico Prelatino della Lusitania — sep. da "Rev. Port. de Filol.", v. VIII, Coimbra, 1957, pp. 1-38.

Cândido Jucá (Filho) — 132 RESTRIÇÕES AO ANTEPROJETO DE SIMPLIFICAÇÃO E UNIFICAÇÃO DA NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA, Rio, 1958, 150 pp. (Várias das observações do A. dão que pensar).

Harri Meier — PES — sep. de "Romanische Forschungen", v. 69, fasc. ½, pp. 72 — 92.

Harri Meier — ZUM ARTIKELGEBRAUCH BEI POSSESSIVPRONOMINA IM PORTUGIESISCHEN — sep. de "Syntactica und Stilistica" — "Festschrift für Ernst Gamillscheg", Tubíngia, 1957, pp. 373 - 386.

Jorge Bertolaso Stella — O RIG-VEDA — S. Paulo, 1958, pp. 71
Sílvio Elia — O ROMANTISMO EM FACE DA FILOLOGIA — Pôrto Alegre, 1956, 43 pp.

José Pedro Rona — EL CULTO INDOEUROPEO DEL FUEGO — sep. de “Boletín de Filología”, t. VII, n.ºs 49, 50, 51, — Montevideú, 1957, 26 pp.

Heinrich Dittmaier — DAS APA PROBLEM — Untersuchung eines Westeuropaischen Flussnamentypus — Lovaina, 1955, 99 pp.

ONOMA — Bibliographical and Information Bulletin — Centro Internacional de Onomástica v. VII, 1956 — 1957, Lovaina.

Ismael de Lima Coutinho — PONTOS DE GRAMÁTICA HISTÓRICA — 4a. ed., Rio, 1958, pp. 385 (Nesta 4a. ed., revista e aumentada, é a melhor gramática histórica do Brasil e de Portugal, apesar de senões dos quais diversos foram apontados por ocasião da 3a. ed., através desta secção, e não expurgados).

Gladstone Chaves de Mello — INICIAÇÃO À FILOLOGIA PORTUGUESA — 2a. ed., refundida e aumentada, com 3 mapas coloridos, Rio, 1957.

Serafim da Silva Neto — MANUAL DE FILOLOGIA PORTUGUESA — 2a. ed., melhorada e acrescentada, Rio, 1957, pp. 434.

José Pedro Rona — ASPECTOS METODOLÓGICOS DE LA DIALECTOLOGÍA HISPANOAMERICANA — publ. do Instituto de Filologia — Depart. de Lingüística da Fac. de Humanidades e Ciências do Uruguai — Montevideú, 1958, 37 pp. + índice.

Olaf Blixen — ACERCA DE LA SUPUESTA FILIACIÓN ARAWAK DE LAS LENGUAS INDÍGENAS DEL URUGUAY — publ. do Inst. de Filologia — Depart. de Ling. da Fac. de Humanidades e Ciências do Uruguai — Montevideú, 1958, 44 pp.

Eugenio Coseriu — CONTRIBUCIONES A LOS DEBATES DEL VIII CONGRESO INTERNACIONAL DE LOS LINGÜISTAS — 1957 (publicação privada).

Eugenio Coseriu — LA GEOGRAFÍA LINGÜÍSTICA — Montevideú, 1956, pp. 45 + índice.

Eugenio Coseriu — DETERMINACIÓN Y ENTORNO — sep. de “Romanistisches Jahrbuch”, vol. VII — Hamburgo, 1955 — 56, pp. 54.

Francisco Casado Gomes — O “PORTUGUÊS” NO COLÉGIO (COMENTÁRIOS SÔBRE SUA DIDÁTICA) — Ed. do Autor, 1956 — 73 pp.

Francisco Casado Gomes — LEMBRANÇAS E IMPRESSÕES DE LEITURAS — 1938 a 1957 — Ed. do Autor — 142 pp.

Francisco Casado Gomes — “TABARÉ” E O INDIANISMO NA LITERATURA BRASILEIRA — Ed. do Autor — 42 pp.

Francisco Casado Gomes — O ELEMENTO MAR NA OBRA DE ANTÔNIO NOBRE — P. Alegre - 1958, 224 pp. + índice (Tese de concurso à cátedra de Literatura Portuguesa na Fac. de Filos. da Univ. do Rio Gr. do Sul).

REVISTA FILOLÓGICA — N.º 6, 1956, Rio. Conteúdo: Cândido Jucá (Filho) — “Orações Reduzidas”; Carlos Fredsen — “Do Indo-europeu ao Latim”; Ernesto Faria — “Sintaxe dos Casos”; Henrique Maron — “Um poeta português”; Nicolae Turcan — “Geografia Lingüística”; Paulo Rónai — “Curiosidades da Língua Húngara”; Pedro A. Pinto — “Notas de Linguagem”; Sílvio Júlio — “Segismundo Spina, Medievalista”; “Homenagem a Ruy Almeida”, etc.

Conteúdo do n.º 7 (1957): Arnold von Buggenhagen — “Dicionário das Particularidades Lingüísticas”; Artur de Almeida Tôres — “Psicanálise e Filologia”; Cândido Jucá (Filho) — “O Sufixo — ud —”; Carlos Fredsen — “Do Indo-europeu ao Latim”; Jarbas Cavalcante de Aragão — “Aspectos do P. Antônio Vieira”; Mário da Gama Kury — “O Grego no 2.º Milênio a. C.”; Roberto Macedo — “Sermões de Fr. Alexandre do Espírito Santo Palhares; Sílvio Júlio — “Océano e Oceano em Castelhana”. Etc.

REVISTA BRASILEIRA DE FILOGIA — Diretor — Dr. Serafim da Silva Neto, Rio. Conteúdo do v. 2, t. II, dez. 1956: I. S. Révah — “Quelques Mots du Lexique de Gil Vicente”; Darcy Damasceno — “Afetividade Lingüística nas Memórias de um Sargento de Milícias”; Segismundo Spina — “O Fazer Bem dos Cantares Trovadorescos”; Celso Pedro Luft — “Landainas, Lendas e Mentiras”; Urbano Vicente Gama Sales — “Pandorgas”; Serafim da Silva Neto — “Breve Nota Filológica”; Celso Cunha — “Guirlanda & Grilanda”; Keneth L. Pike — “As Correntes da Lingüística Norte-Americana”; Albino de Bem Veiga — “Virgeu de Consolação”; Eugenio Coseriu “Logicismo e Antilogicismo em Gramática”; Joaquim Mattoso Câmara Jr. — “Crônica Lingüística — A Teoria Sintagmática de Mikus”. Etc.

REVISTA DE ANTROPOLOGIA — Diretor — Prof. Dr. Egon Schaden S. Paulo, Univ. de S. P., v. 6, n.º 1, junho de 1958. Contém este n.º as seguintes colaborações de interesse lingüístico: Joseph H. Greenberg — “Sobre a natureza e o uso das tipologias lingüísticas”; Dale Kietzman — “Tendências de ordem lexical da aculturação lingüística em terena”; León Cadogan — “En torno al bilingüismo en el Paraguay”.